

LUTAMOS CONTRA TÓDAS AS FORMAS DE TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO E DE OBSCURANTISMO, E EM PROL DE LIBERDADE E BEM-ESTAR PARA TODOS.

AÇÃO DIRETA

FUNDADO PELO PROF. JOSÉ OITICICA EM 1946

Redação:
Avenida 13 de Maio, 23 — 9.º andar — Sala 922

CORRESPONDÊNCIA:
Caixa Postal 1 — Agência da LAPA — RIO DE JANEIRO

AVULSO: CR\$ 3,00
Assinatura anual Cr\$ 50,00

O PROBLEMA DO PETRÓLEO

A Conjuntura Econômica Brasileira
O Ponto de Vista Libertário

O controle mundial do petróleo, desde muitas décadas, é um dos fatores de maior peso na política internacional de predomínio. Consequentemente, dentro do âmbito de cada país submetido a pressão imperialista, é um dos elementos de instabilidade política mais notórios. O Brasil não escapou a essa regra e todo seu processo inflacionário vem marcado com acentuado odor petrolífero.

Para qualquer observador objetivo da realidade nacional, resulta sumamente sugestivo, o fato de que todos os governos, em um ou outro momento de sua gestão, se tenham inclinado — ocultamente — a formalização de algum tipo de compromisso com os trusts petrolíferos internacionais, em flagrante contradição com a arenga nacionalista ("O petróleo é nosso", etc.) e anti-imperialista de que fazem gala verbal quase todos os partidos situados eventualmente na Oposição.

Essa contradição põe em evidência a característica mais importante do problema do desenvolvimento energético, do qual o petróleo é seu aspecto mais saliente e aparente, no estado atual do desenvolvimento da economia brasileira. Não se trata de um critério simplista e demagógico, como se pretende fazer crer, nem de um vulgar esquecimento das promessas pré-eleitorais, comum a todos os partidos que chegam ao poder, si não de um fenômeno inerente a própria organização estatista e capitalista da economia nos países economicamente dependentes.

A FALTA DE CAPITAL

Um dos elementos que definem na atual etapa da economia, aos países chamados subdesenvolvidos, é seu pequeno coeficiente de capitalização. Isto é, que se consome a quase totalidade de sua produção, inclusive, se consome mais do que se produz, como consequência do qual há um déficit na reposição do que poderíamos considerar o "capital nacional", estradas, equipes, instalações industriais de todos os tipos, valores de câmbio, divisas, ouro, etc., cujo envelhecimento ou gasto não é compensado por uma racional renovação.

As causas desses fatos são de diversos tipos, e a simples título de esclarecimento, vale a pena destacar, no caso do Brasil, uma técnica primitiva, um desproporcionado crescimento dos gastos do Estado (aumento dos contingentes do exército, marinha e aeronáutica — pessoal totalmente improdutivo que não fazem se não consumir), proliferação da burocracia privada, estatal e semi-estatal (aumento desmesurado do funcionalismo público, nomeação de parentes, amigos, eleitores para cargos públicos que se criam com o objetivo de saldar compromissos políticos), dilapidação de bens em obras suntuárias (construção de Brasília em plena selva, sem meios de transporte baratos), gastos supérfluos de toda a espécie, a evidente falta de capacidade e interesse técnico organizativo da indústria, a generalizada irresponsabilidade no trabalho, etc. Todos esses processos e outros, em proporções diversas, coadjuvam no sentido geral da descapitalização do país ou da estagnação no melhor dos casos.

Pois bem, para o desenvolvimento de novas fontes de produção, especialmente no campo da energia, transporte, etc., no atual estado da tecnologia, se torna necessário a inversão de enormes capitais, em forma de equipes, máquinas e instalações de diversos tipos, capitais que se não foram acumulados por poupança no conjunto da economia nacional, devem ser providos por fontes exteriores, quer sejam em forma de inversões de capital diretamente, ou de venda de elementos a longo prazo, de tal modo que o rendimento das novas indústrias torne factível seu pago.

Tais são as possibilidades que se abrem, si se trata de encarar de algum modo um desenvolvimento ascendente da potencialidade econômica de uma comunidade humana qualquer: situação em que se encontra o Brasil, em virtude do longo período de estagnação precedente: 1.º — A acumulação de novos capitais pela poupança nacional; 2.º — A inversão de capitais acumulados em outros países; 3.º — A obtenção de créditos exteriores.

DE ONDE SAI A POUPANÇA NACIONAL

A primeira das alternativas consta de dois termos, já que a poupança nacional provém de uma maior produção ou menor consumo. Pois bem, uma maior produção, deixando de lado as possibilidades de um reequipamento industrial que depende da prévia inversão de novos capitais, significa ou um maior esforço dos que realizam atividades produtivas, ou um melhor aproveitamento, pela organização industrial, da atual potencialidade, (possibilidade esta muito limitada em seus alcances), ou ubiquação em setores produtivos, dos que hoje realizam atividades supérfluas. Relativo a redução do consumo, os caminhos possíveis para sua obtenção são vários: Uma diminuição do nível de vida do povo em geral, que pode operar-se através de um processo de encarecimento que ponha fora do alcance de determinados setores populares alguns artigos ou um racionamento geral; outra possibilidade é a diminuição dos consumos monstruosos e improdutivos dos organismos do Estado: edifícios monumentais, material bélico, cidades pre-fabricadas, como Brasília, etc.

De todas as possibilidades enunciadas ligeiramente, que permitiria o Brasil o desenvolvimento de suas potencialidades econômicas, sem ajuda do exterior, compromisso e subordinação envolto inevitavelmente na política das grandes potências mundiais, as mais lógicas e racionais significariam um sacrifício para os que têm o poder político e econômico, isto é, os setores capitalistas e estatais. A eliminação dos trabalhos socialmente improdutivos, quer seja a burocracia, ou a excessiva intermediação na distribuição, são fenômenos inerentes às características do atual processo de crescimento do Estado e da economia de escassez, de modo que os que apresentam o problema, desde os governos, ou como programa eleitoral, o aumento da produção sem ajuda exterior, o fazem pensando em um aumento do esforço do trabalho dos produtores, coisa que se está praticando em pequena medida.

No que se refere a diminuição do consumo, a possibilidade de realizá-la a custa do consumo excessivo das classes abastadas, ou do supérfluo dos organismos do Estado, significaria igualmente um sacrifício, aos que retém o poder e a força, e não estão dispostos a realizar sacrifício algum. A saída que pretendem impor os que desde funções políticas propiciam esse caminho, é uma diminuição do nível de vida do povo em geral, através da carestia, ou do envelhecimento dos salários pela inflação.

A ALTERNATIVA ESTATAL-CAPITALISTA

Retornando ao ponto de partida, se torna evidente que, qualquer processo de desenvolvimento econômico enérgico que se pretenda fazer pres-

GREVE DE BONDES — UM GRANDE NEGÓCIO PARA A LIGHT

Voltam os trabalhadores da Light a agitar o modorrento ambiente sindical à procura de melhores níveis de salários com que possam enfrentar a alta vertiginosa e insustentável do custo de vida.

Nada mais natural e humano que essa sacrificada classe dos empregados da companhia canadense se movimente, proteste e vá, em último recurso, à greve reivindicadora que obrigue a empresa a um ajuste imediato do magro salário.

Nada mais natural, justo e humano que essa espessada classe brade aos ouvidos moucos de seus exploradores que o feijão está custando Cr\$ 30,00 o quilo e que, portanto, necessitam melhores pagas afim de enfrentarem a apavorante inflação que o sr. Juscelino teima em agravar com a construção de Brasília.

O que não compreendemos e com o que nunca poderemos concordar é que esse justo aumento salarial esteja sempre condicionado a uma revisão de tarifas de bondes, luz e gaz, pois é óbvio que isto equivale a dizer que o aumento sairá do bolso roto e magro do próprio povo trabalhador.

Já atentaram os operários da Light e o sindicato de classe para o fato de que todo movimento para melhorar de nível de salário se transformou num ótimo negócio para o polvo canadense, que, assim, sem esforço algum, vê aumentar seus fabulosos lucros à custa de seus próprios assalariados?

Já atentaram os trabalhadores da Light que, dessa forma, estão fazendo o jogo terrível de seus patrões capitalistas, ajudando a sugar ainda mais o depauperado povo brasileiro, com mais um escorchante aumento de passagens?

Sim, apoiamos o aumento de ordenados; porém, que esse aumento não sirva de manobra para a Light enriquecer cada vez mais.

Ao Sindicato de Carris do Rio de Janeiro e aos trabalhadores da Light compete provar sua solidariedade com toda a população carioca.

Aumento de salário sim; não porém, à custa do miserável povo do Distrito Federal.

Esse aumento deve sair direta e unicamente dos fartos lucros da empresa. IPÊ

Não há interesse de raça, como não há interesse social em manter uma classe de explorados sob o jugo e a ignorância. — Jean Grave.

cindindo da ajuda exterior, realizada por impulso do Estado e do capitalismo privado, significaria necessariamente um aumento do esforço dos produtores, e uma diminuição paralela do nível de vida, coisa que iria necessariamente acompanhada de distúrbios sociais, que tornariam improvável a manutenção da ficção do estado democrático, já que no Brasil há consciência formada, ou pelo menos uma obscura intuição popular, de que é um sacrifício cujas vantagens serão fundamentalmente aproveitadas pelos setores capitalistas e estatais, que nenhum sacrifício realizam.

Nessa situação, resulta perfeitamente explicável que qualquer setor político, uma vez atingindo o governo, pelo clássico método demagógico de agitar bandeiras anti-imperialistas, ante as pressões do capitalismo internacional, por uma parte, porém submetido a férrea alternativa de impulsionar o desenvolvimento econômico, a fim de poder assegurar sua continuidade política, sem apelar à recursos que significam convulsões sociais que o ponham em perigo e sem poder apelar, por sua íntima textura, a métodos que impeçam o processo de crescimento das funções do Estado, se encontrem na impossibilidade de impulsionar a poupança nacional e forçado em consequência a entregar o capitalismo internacional, que como mais forte que é, impõem suas próprias condições.

A SOLUÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Fica então uma única saída autenticamente anti-imperialista, já que todas as soluções estatistas, governamentais e capitalistas estão inevitavelmente vinculadas aos compromissos com os grandes impérios mundiais ou com uma solução ditatorial da pior característica. Trata-se de uma verdadeira saída revolucionária: a superação das estruturas estatais e capitalistas, que possa permitir a criação de um fundo de reserva nacional mediante a conjugação dos distintos elementos que o tornariam possível: supressão de trabalhos e funções improdutivas, supressão de privilégios no consumo e organização da produção visando as necessidades coletivas. Inclusive não se desdenha em semelhante situação, uma certa medida de sacrifício "de todos", para a elaboração "por todos", de um verdadeiro futuro "para todos".

Assim é como, tal qual o afirmamos em mil outros aspectos da vida social, se dá também aqui o aparente paradoxo do utopismo das soluções estatistas anti-imperialistas, impraticáveis pela própria essência dos meios com que contam, e a profunda realidade e criatividade das eternamente tachadas de utópicas saídas revolucionárias, profundamente populares e construtivas.



Dois aspectos parciais da Conferência Libertária Nacional, realizada em abril passado.

O POVO PASSA A USAR A AÇÃO DIRETA

REAGE CONTRA A EXPLORAÇÃO E REIVINDICA SEUS DIREITOS

O povo está perdendo a paciência e começa a demonstrar que a exploração sem limites de que é vítima precisa ser enfrentada.

E vai passando à ação — à ação que é decisiva — a ação direta.

Nada de lamúrias ante os poderosos do momento, que consti-

tuem a coluna dos exploradores da miséria dos que trabalham. Nada de pedinchar apoio aos vivedores da política.

Em Fortaleza, lá no Nordeste, foram os populares manifestar o seu protesto positivo na sede dos conchavos dos politiqueros parasitas; em Uberlândia multidões rebeldes demonstraram que os seus protestos podem produzir consequências temerosas; na capital fluminense as chamadas iluminaram multidões que buscavam as feras em seus covis; em terras paulistas os ferroviários da Paulista, transformando seus corpos em dormentes, paralizaram toda uma vasta rede ferroviária; num subúrbio da capital bandeirante, o povo repetiu esse gesto, paralyzando uma ferrovia nacionalizada que pretendia aumentar extorsivamente o preço das passagens.

Outros gestos de rebeldia estão sendo registrados em pontos diversos do País.

O povo vai, assim, vencendo a atitude conformista que o vinha dominando, e passando a afirmar o seu direito a uma vida condizente com a sua condição de produtor de todos os bens sociais.

E se assim prosseguir, agindo diretamente, desprezando os pelegos do meio sindical e os vivedores da política — irá vencendo e conseguindo enfrentar a exploração de que é vítima até conseguir sua completa emancipação social.

